

ENTREVISTA COM O PROFESSOR EMÉRITO CHRISTOPHE DEJOURS



O Professor Christophe Dejours

Christophe Dejours

Institut de Psychodynamique du Travail (IPDT)
Université Paris-Nanterre (UPN)

Carolina Pereira Lins Mesquita

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Eduardo Rodrigues Peyon

Universidade Veiga de Almeida (UVA)

Thaís Henriques Dias

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Entrevista realizada por e-mail em dezembro de 2022.

No período de 10 a 12 de julho de 2022, em Paris, França, foi realizada a Conferência Internacional “Feminismo, Direito e Cidadania” (*Congrès International Féminisme, Droit et Citoyenneté / International Congresso on Feminism, Law and Citizenship*), pela Universidade

Paris I Panthéon Sorbonne e Universidade de Reading, juntamente com o *Gender, Law and Society* e *Society Working Group of the Research Committee for the Sociology of Law* (RCSL).

Nesta ocasião, em paralelo à apresentação de *paper* no referido evento, uma das entrevistadoras, Carolina Pereira Lins Mesquita, professora de Direito do Trabalho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e editora-chefe da Revista Confluências, fez o primeiro contato por e-mail com Christophe Dejours. O intuito era estabelecer um contato mais próximo com as pesquisas recentes desenvolvidas pelo *Institut de Psychodynamique du Travail* (IPDT), idealizado, criado e coordenado por este, além de conhecer pessoalmente o Professor Titular Emérito da Universidade de Paris-Nanterre e ex-professor das cadeiras de Psicologia do Trabalho e de Psicanálise, Saúde e Trabalho do *Conservatoire National des Arts e Métiers* (CNAM).

Carolina Mesquita teve a oportunidade, gentilmente propiciada e agendada por Dejours, de visitar as instalações físicas do *Institut de Psychodynamique du Travail* (IPDT), as pesquisas atuais do autor e o próprio funcionamento do IPDT, tudo isto por intermédio de Laura Facury Moreira, psicóloga pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e doutoranda pela Universidade Paris Nanterre (Paris X), sob a orientação de Dejours. Como a época coincidiu com o período de férias na França, infelizmente, não foi possível conhecer pessoalmente Christophe Dejours naquele momento.

O IPDT, financiado por sua mantenedora *Association de Santé au Travail Interservices* (ASTI), tem por objetivo aprofundar conhecimentos e pesquisas em psicopatologia e psicodinâmica do trabalho, dando continuidade à investigação desenvolvida por Dejours há mais de quarenta anos no CNAM, originalmente, no laboratório de ergonomia (1975-1990) e, posteriormente, na *Université Paris Descartes* (Paris V, 2013-2018).

Christophe Dejours é doutor em medicina, especialista em medicina do trabalho e em psiquiatria, e psicanalista. Ele pesquisa as relações entre saúde e trabalho, o conflito entre organização do trabalho e o funcionamento psíquico, o sofrimento gerado pelo trabalho e as defesas contra esse sofrimento, a relação entre subjetividade e trabalho, utilizando-se da metodologia da “Psicodinâmica do Trabalho”. Ele é apontado como o pai da “Psicodinâmica do Trabalho”, alcunha atribuída à disciplina em 1992, que, em síntese, agrega pesquisas sobre

ENTREVISTA COM O PROFESSOR EMÉRITO CHRISTOPHE DEJOURS

DEJOURS, C. *et.al.*

CONFLUÊNCIAS – ISSN 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

Volume 25 | Número 1 | janeiro – abril de 2023

sofrimento e patologia mental no trabalho, utilizando a mesma clínica e instrumentos conceituais para entender e explicar a polarização dor *versus* prazer e patologia *versus* normalidade no trabalho. Além disto, Christophe Dejourns é membro titular do *Institut de Psychosomatique de Paris*, da *Association Psychanalytique de France* e presidente do Conselho Científico da *Fondation Jean Laplanche-Institut de France*.

Antes deste contato com o IPDT, Carolina Mesquita já trabalhava com algumas obras de Dejourns no âmbito do Laboratório de Ensino Pesquisa e Extensão Direito, Antropologia, Saúde e Religião (DIANSARE) e das disciplinas de Direito do Trabalho que ministra na UFRJ, seja na Faculdade Nacional de Direito (FND) seja no Centro de Ciências da Saúde (CCS), na graduação em Ciências Biológicas: modalidade médica. O DIANSARE contou, no primeiro semestre de 2022, com o convidado, psicólogo e psicanalista, Eduardo Rodrigues Peyon, que ministrou a palestra (1º evento de extensão) “Sobre o trabalhar contemporâneo: a trajetória teórica de Christophe Dejourns e psicodinâmica do trabalho”, na UFRJ, tornando-se solícito e próximo parceiro de trabalho.

Após o contato com Laura Facury e com o próprio Dejourns, foi embrionariamente instituído na FND/UFRJ, sob coordenação geral de Carolina Mesquita, o grupo de estudos “Christophe Dejourns e a Psicodinâmica do Trabalho”. O grupo conta, ainda, como coordenadores docentes Eduardo Peyon (Psicologia e Psicanálise, PETROBRAS), Luis Flávio Reis Godinho (Ciências Sociais, UFRB/Labecs_UFRB), Priscila Pedrosa Mattos de Souza (Direito e Sociologia, CODEMY/FAPEAM) e como coordenadores discentes Catherine Barbosa Martins, Ester Dutra Pereira, Laura Garcia Gonzaga e Mariana Freitas da Costa.

Ao término do primeiro módulo do grupo de estudos (2022.2), foi realizado um segundo evento de extensão “O suicídio e o trabalho”, que teve por objeto tema de doutorado de Laura Facury. A escolha do tema da palestra decorreu não só da leitura e discussões do texto *France Telecom Orange – Déposition* (DEJOURS, 2019), mas considerou também os casos emblemáticos de suicídio do reitor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Luiz Carlos Cancellier, e a tentativa de suicídio de um estagiário de direito em escritório de advocacia. O evento teve por um de seus objetivos sensibilizar os participantes (alunos da UFRJ e público em geral) sobre a própria condição de trabalho, bem como sobre a situação extremada

ENTREVISTA COM O PROFESSOR EMÉRITO CHRISTOPHE DEJOURS

DEJOURS, C. *et.al.*

CONFLUÊNCIAS – ISSN 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

Volume 25 | Número 1 | janeiro – abril de 2023

do suicídio, especificamente, aquele que encontra relação de causalidade ou concausalidade com o trabalho.

A partir das leituras das obras de Dejours e discussões sobre o seu pensamento, algumas inquietações surgidas deram corpo às questões formuladas nesta entrevista, elaboradas conjuntamente por Carolina Mesquita, Eduardo Peyon e Thaís Henriques Dias, esta, doutoranda em Ciências Jurídicas e Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF) e parceira de trabalho de Carolina na equipe editorial da Revista Confluências. Ficou sob o encargo de Carolina Mesquita a tradução da entrevista para o Português.

Carolina Pereira Lins Mesquita; Eduardo Rodrigues Peyon e Thaís Henriques

Dias: Em seu novo livro, *Ce qu'il y a de meilleur en nous: travailler et honorer la vie*, publicado em outubro de 2021, na França, o senhor reflete sobre a sublimação, temática importante para a psicanálise e para o trabalho. Mas o Senhor tem a tradição de expandir suas análises para o campo do trabalho real, para o cotidiano. Em Freud, a sublimação está relacionada aos trabalhos intelectuais, à produção do conhecimento e do saber. Em que medida a sublimação por meio do trabalho pode implicar a superação do sintoma permeado pelo reconhecimento social? É possível pensar em sublimação em trabalhos braçais, sem criatividade?

Christophe Dejours: O reconhecimento social do trabalho vivo é um elo intermediário essencial na dinâmica da sublimação. Na ausência do reconhecimento da qualidade do trabalho realizado por um trabalhador, o caminho da sublimação não pode ser percorrido até o fim. Isso resulta em frustração, cujas consequências podem ser mais ou menos graves. O não reconhecimento duradouro tende a arruinar o sentido do trabalho vivo e do que ele implica em termos de esforço (como mobilização da inteligência, da vontade e da personalidade). Muitas vezes esta situação leva, para além do desapontamento, ao desânimo, até ao desengajamento e por vezes até a incapacidade de continuar a atividade laboral.

- Em alguns casos, o não reconhecimento duradouro gera no trabalhador uma dúvida: se seu trabalho não é reconhecido, talvez seja porque não tem qualidade suficiente? O risco,

ENTREVISTA COM O PROFESSOR EMÉRITO CHRISTOPHE DEJOURS

DEJOURS, C. *et.al.*

CONFLUÊNCIAS – ISSN 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

Volume 25 | Número 1 | janeiro – abril de 2023

então, é o deslizamento da dúvida sobre a qualidade do fazer para a dúvida sobre a própria competência, ou mesmo para a autodúvida, o que pode levar à autodepreciação, à autocrítica e à depressão.

- Em outros casos, o não reconhecimento não prejudica a pessoa ou sua identidade. Traz à tona a experiência da injustiça social, às vezes acompanhada de ressentimentos, inclusive sentimentos de ódio ou ressentimento que podem alterar toda a sua vida.

- Por vezes, muito mais raramente, alguns trabalhadores conseguem prescindir do reconhecimento e continuam a trabalhar da melhor forma possível, esforçando-se por continuar a produzir um trabalho de qualidade. Essas personalidades, excepcionais na medida em que podem prescindir do reconhecimento social, conseguem extrair os benefícios psíquicos da sublimação, mesmo que esta seja truncada.

Em tarefas não criativas, como trabalho repetitivo sob pressão de tempo, a sublimação também está envolvida. Mas negativamente. Essas organizações de trabalho podem ser descritas como anti-sublimatórias. Eles apenas geram sofrimento e privam os trabalhadores da possibilidade de transformar o sofrimento em prazer por meio da sublimação. Ao dificultar a sublimação, essas organizações trabalhistas prejudicam a saúde dos trabalhadores.

Carolina Pereira Lins Mesquita; Eduardo Rodrigues Peyon e Thaís Henriques

Dias: O sujeito para a psicanálise, marcado pelo inconsciente, pela divisão e contradições, um sujeito atravessado pelo desconhecimento de si, pelos conflitos e divisões humanas, contrapõe-se ao sujeito utilitarista, pretendido pela organização do trabalho no Sistema Capitalista. De que forma o sofrimento, o prazer e o reconhecimento por meio do trabalho se articulam e contribuem para a constituição da subjetividade do trabalhador?

Christophe Dejours: Não há trabalho sem sofrimento, porque trabalhar envolve sempre o confronto e a luta com a realidade, ou seja, com aquilo que se dá a conhecer pela sua resistência à mestria e ao saber-fazer (*know-how*), e que, por isso, traduz-se, concretamente, em fracasso. E este sempre experimenta afetivamente como sofrimento, mas o destino desse sofrimento não é dado de antemão. Em alguns casos não há saída para o sofrimento, ele se acumula e empurra o indivíduo para a doença mental ou somática. Em outros casos, a

organização do trabalho deixa espaço suficiente para que o indivíduo desenvolva dentro de si novas habilidades, graças às quais consegue superar a resistência da realidade para controlar. Nesses casos, o indivíduo adquire não apenas novas habilidades, mas também novos registros de sensibilidade graças aos quais desenvolve sua subjetividade. Através do trabalho, ele se torna mais hábil e mais inteligente do que era antes de se dedicar ao trabalho vivo. Como resultado, graças à sua experiência de trabalho bem-sucedida, o indivíduo aumenta o amor-próprio que é a base da saúde mental. A sutileza dos processos psíquicos envolvidos é negada pela doutrina neoliberal e sua aplicação ao mundo do trabalho, no que se denomina “giro gerencial” (“*managerial turn*”), ou “governança por números” (Alain Supiot).

Carolina Pereira Lins Mesquita; Eduardo Rodrigues Peyon e Thaís Henriques

Dias: A psicopatologia do trabalho restringe-se à análise do nexo de causalidade entre o adoecimento e o trabalho. Já a psicodinâmica do trabalho pode ser compreendida como uma análise sobre a relação dialética entre o processo de adoecimento pelo trabalho e os processos psíquicos dos indivíduos de reação contra a este mesmo trabalho e, também, a apropriação destas reações subjetivas pelo sistema capitalista de produção. O Senhor identifica que a abordagem das doenças ocupacionais, no âmbito da Justiça do Trabalho, ainda está restrita à psicopatologia?

Christophe Dejours: Há, sim, um distanciamento entre o que a psicodinâmica do trabalho revela sobre o funcionamento psíquico e a saúde mental em sua relação com o trabalho (que reunimos sob o nome de “centralidade do trabalho”), por um lado, e o modo como o direito do trabalho pode assumir segurá-lo, por outro lado. Em matéria de direito do trabalho, de fato, o que é levado em consideração são as patologias: patologias de sobrecarga (LER, *burn out*, Karôshi, *doping*), patologias resultantes da violência exercida por clientes ou por usuários sobre o trabalhador no exercício das suas funções, as patologias do assédio, depressão, tentativas de suicídio e suicídios. Mas em termos processuais, os magistrados preocupam-se em estabelecer o nexo de causalidade entre os constrangimentos laborais e as patologias. Isso quer dizer que os magistrados estão interessados na etiologia. Para isso, os magistrados mobilizam em profundidade o conhecimento científico estabelecido pela psicodinâmica do trabalho, como mostra, por exemplo, o julgamento da France-Télécom-Orange na França.

ENTREVISTA COM O PROFESSOR EMÉRITO CHRISTOPHE DEJOURS

DEJOURS, C. *et.al.*

CONFLUÊNCIAS – ISSN 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

Volume 25 | Número 1 | janeiro – abril de 2023

Mais raramente, é ainda com base neste conhecimento científico que certos tribunais proibiram as empresas de introduzir métodos de organização do trabalho (*bench-marking*, por exemplo) considerados perigosos para a saúde mental dos trabalhadores.

Carolina Pereira Lins Mesquita; Eduardo Rodrigues Peyon e Thaís Henriques Dias: Cada sujeito lida com o ambiente de trabalho nocivo e adoecedor à sua maneira. Mas é possível falar em uma “neurose dos juízes”, como refletido no caso das telefonistas, que desenvolvem uma agressividade/raiva que gera maior produtividade? O Senhor já identificou algum sintoma, como o alcoolismo ou as adições, no exercício de funções jurídicas? O senhor já identificou algum tipo de estratégia defensiva por parte dos magistrados para lidar com o estresse no trabalho? Quais?

Christophe Dejourn: Entre os magistrados, não há neurose ou psicose, nem qualquer sintoma específico de sofrimento no trabalho, como pudemos descrever no trabalho repetitivo sob pressão de tempo. Os sintomas observados são principalmente os decorrentes da sobrecarga de trabalho (excesso de trabalho ou esgotamento profissional, *burn-out*, *karôshi* etc), e aqueles que se encontram sob as patologias do assédio no trabalho. Há, portanto, um avanço indiscutível no direito do trabalho, pela edição de leis, por um lado, pela atuação da jurisprudência, por outro (reconhecimento do “assédio institucional” no trabalho, por exemplo).

Por outro lado, recentemente pudemos descrever uma estratégia coletiva de defesa específica no judiciário, a “estratégia coletiva de defesa do missionário”, que foi descrita recentemente e está em processo de publicação.

Carolina Pereira Lins Mesquita; Eduardo Rodrigues Peyon e Thaís Henriques Dias: Na abordagem sobre os trabalhadores da construção civil, o Senhor identifica o elemento “virilidade”, enquanto mecanismo de defesa subjetiva contra a angústia do labor em ambiente de risco, como uma forma de negar o real. Este elemento pode ser identificado em mulheres no desempenho de funções relacionadas ao exercício de poderes do Estado?

Christophe Dejourn: A masculinidade defensiva foi identificada pela primeira vez em profissões de alto risco (construção civil, indústria nuclear, petroquímica, exército, polícia, bombeiros, marinha mercante). Todas estas profissões eram predominantemente exercidas por homens. Quando as mulheres sobem na hierarquia, particularmente na indústria, mas também

na administração e no Estado, elas são levadas a adotar comportamentos masculinos que se aproximam daqueles construídos pelos homens para lidar com a dominação masculina. O resultado para estas mulheres é um conflito entre uma identidade profissional viril e uma identidade sexual como mulher, o que tem consequências importantes para a economia das relações afetivas, sexuais e familiares.

Carolina Pereira Lins Mesquita; Eduardo Rodrigues Peyon e Thaís Henriques

Dias: O senhor vem trabalhando com duas linhas de pesquisa principais: a psicossomática e a outra relacionada ao bem-estar e à saúde do trabalhador, dentro de uma perspectiva crítica. Quais projetos atuais o senhor vem desenvolvendo no campo do trabalho? Há conexões com o direito e a sociologia do trabalho?

Christophe Dejours: No momento, com os pesquisadores em meu laboratório, estamos trabalhando com muitas situações de trabalho diferentes. Entre elas, estabelecemos uma prioridade relativa ao trabalho na magistratura e trabalho em “terceiros lugares”, ou seja, novas experiências de trabalho na economia alternativa, na economia social e solidária, cooperativas, pecuária e agricultura “camponesa” (ou seja, oposta à agricultura industrial).

Temos importantes relações interdisciplinares de trabalho e pesquisa com advogados e sociólogos, mas também com filósofos e economistas.

Carolina Pereira Lins Mesquita; Eduardo Rodrigues Peyon e Thaís Henriques

Dias: O Senhor afirma que, quando os trabalhadores entrevistados falam sobre as condições de trabalho que eles vivenciam, é possível identificar relações entre as vivências e os efeitos provocados na subjetividade desses indivíduos. De alguma maneira, esta fala e este espaço de escuta, durante uma pesquisa acadêmica, propiciam, por parte dos entrevistados, alguma elaboração de suas experiências e sofrimentos? Em que medida o pesquisador também pode ser afetado neste fazer acadêmico?

Christophe Dejours: Sim, é claro, durante as pesquisas acadêmicas, ouvir os pesquisadores pode ter um efeito poderoso na análise, compreensão, elaboração e interpretação da experiência que os trabalhadores entrevistados têm de seu sofrimento no trabalho. Mas a pesquisa acadêmica em psicodinâmica do trabalho não pode derrogar os princípios éticos da prática médica. Toda essa pesquisa é iniciada a pedido dos próprios trabalhadores.

É, aliás, para responder ao pedido de grupos de pesquisadores que fomos levados a realizar investigações sobre o sofrimento dos pesquisadores no contexto atual. E os resultados são impressionantes. Há muito sofrimento no mundo da pesquisa, que chega até o suicídio, principalmente entre os jovens pesquisadores.

Finalmente, o trabalho de pesquisa de campo em psicodinâmica do trabalho tem, por sua vez, impactos significativos sobre os próprios pesquisadores. Em primeiro lugar ao nível individual, porque o confronto com o sofrimento no trabalho nos vários setores de atividade significa uma constante reformulação da sua relação com o conhecimento científico e o pensamento dominante, do qual os pesquisadores, como as pessoas comuns, valem-se para formar a sua concepção do mundo, do indivíduo e da sociedade. Em segundo lugar, no nível coletivo, na medida em que nos estimulam a nos distanciarmos cada vez mais da organização da pesquisa e do trabalho universitário, no contexto atual, em que as instituições e as gestões públicas são profundamente transformadas pela mudança gerencial e pela Nova Gestão Pública. Para nós, isso se traduz na necessidade de desenvolver habilidades coletivas completamente novas e no desenvolvimento de novos métodos de cooperação e trabalho conjunto, dos quais não éramos capazes no passado.

Carolina Pereira Lins Mesquita; Eduardo Rodrigues Peyon e Thaís Henriques

Dias: Nós sabemos que existem alguns pesquisadores brasileiros associados ao IPDT e que você tem acesso a resultados de pesquisas em Psicodinâmica do Trabalho realizadas no Brasil. Como pensa o cenário do trabalho no Brasil? Está envolvido com alguma pesquisa de campo no Brasil nesse momento?

Christophe Dejours: Uma das pesquisadoras do laboratório, Valérie Ganem, está diretamente envolvida em pesquisas de campo no Brasil. Pessoalmente, não estou diretamente envolvido em pesquisa de campo no Brasil. Há muitos anos mantemos importantes relações de trabalho com pesquisadores brasileiros. Venho a conhecer situações de trabalho no Brasil de forma indireta, porque por vezes assumo a supervisão de investigações realizadas por colegas brasileiros no Brasil, por um lado, e porque participamos regularmente de colóquios no Brasil com magistrados, em particular com a Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (ANAMATRA).

Não consigo prever o futuro do mundo do trabalho no Brasil. Não mais do que o futuro do trabalho na França. A dominação gerencial agora se estende a todo o planeta. Podemos ver claramente que as rachaduras estão aparecendo nessa dominação. Apesar do domínio exercido por multinacionais e governos sobre a produção e reprodução das “elites” neoliberais (nas grandes escolas de negócios, escolas de administração, gestão etc.), podemos ver um certo número de jovens executivos, embora devidamente formados em métodos neoliberais, recusam-se hoje a colocar-se ao serviço de empresas que destroem o ambiente, a biodiversidade e o planeta. Isso talvez seja um sinal de enfraquecimento da ideologia neoliberal. Se essa crise de ideologia se confirmar, será o início do declínio da dominação neoliberal. Mas vai demorar muito tempo e, provavelmente, muita agitação social, até que isso beneficie a construção de um outro mundo do trabalho, mais habitável e desejável do que aquele que temos hoje.

ENTREVISTADO:**CHRISTOPHE DEJOURS**

Ex-psiquiatra hospitalar, psicanalista, membro titular do *Institut de Psychosomatique de Paris*, da *Association Psychanalytique de France*, ex-professor do *Conservatoire National des Arts et Métiers (Paris)*, professor emérito da *Université Paris-Nanterre*, presidente do Conselho Científico da *Fondation Jean Laplanche-Institut de France*.

Dejours pesquisa sobre as fronteiras da psicanálise:

- do lado das ciências biológicas com psicossomática e metapsicologia do corpo. Trabalhou com Pierre Marty e Michel Fain;
- do lado das ciências sociais, fundou uma nova disciplina: a psicodinâmica do trabalho ensinada na França e em vários países europeus, no Canadá e na América Latina.

A pesquisa em psicanálise sobre a "Teoria da sedução generalizada", em colaboração com Jean Laplanche (entre 1997 e 2012), em particular sobre a introdução do gênero na teoria sexual, sobre o trabalho dos sonhos, sobre a formação de um inconsciente não reprimido e de um tópico de clivagem.

ENTREVISTADORES:**CAROLINA PEREIRA LINS MESQUITA****ENTREVISTA COM O PROFESSOR EMÉRITO CHRISTOPHE DEJOURS**

DEJOURS, C. *et.al.*

CONFLUÊNCIAS – ISSN 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

Volume 25 | Número 1 | janeiro – abril de 2023

Professora Adjunta III do Departamento de Direito Social e Econômico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Ciências Jurídicas e Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF). Mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É associada da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e do Instituto de Ciências Jurídicas e Sociais, membro da Red Internacional de Cátedras, Instituciones y personalidades sobre el Estudio de La Deuda Pública (RICDP) e pesquisadora do Programa Universitário de Apoio às relações de trabalho (PRUNART/UFMG). Coordenadora Geral do DIANSARE – *Laboratório de ensino, pesquisa e extensão: Direito, Antropologia, Saúde e Religião* e Coordenadora Geral do Projeto de Pesquisa e Extensão: “*Christophe Dejours e a Psicodinâmica do Trabalho*”. Editora Chefe da Confluências – Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD/UFF).

CV (in Portuguese): <http://lattes.cnpq.br/4213026169005908>.

E-mail: clinsmesquita@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9696-2076>

EDUARDO RODRIGUES PEYON

Psicólogo com especialização em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Mestre em Psicologia (PUC-Rio) e Doutor em Psicanálise, Saúde e Sociedade (UVA) com período de Doutorado Sanduíche no *Conservatoire National des Arts et Métiers* (CNAM) sob a supervisão de Christophe Dejours. Profissional Petrobras de nível superior com ênfase em psicologia lotado no Serviço de Saúde Ocupacional. Coordenador Adjunto do Projeto de Pesquisa e Extensão: “*Christophe Dejours e a Psicodinâmica do Trabalho*”.

Autor do livro “Sobre o Trabalhar Contemporâneo: Diálogos entre a Psicanálise e a Psicodinâmica do Trabalho” (Ed. Blucher, 2018).

CV (in Portuguese): <http://lattes.cnpq.br/5199892483398266>

E-mail: edupeyon@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0667-6189>

THAÍS HENRIQUES DIAS

Graduada em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutoranda e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD/UFF), na linha de pesquisa Conflitos socioambientais, rurais e urbanos. É pesquisadora no Observatório Fundiário Fluminense (OBFF) e do Laboratório de Justiça Ambiental (Laja), ambos da UFF. Faz parte da equipe editorial da Revista Confluências.

E-mail: thaishd@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2554-4915>

TRADUTORA:

CAROLINA PEREIRA LINS MESQUITA



Esta é uma ENTREVISTA publicada em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio,

ENTREVISTA COM O PROFESSOR EMÉRITO CHRISTOPHE DEJOURS

DEJOURS, C. *et.al.*

CONFLUÊNCIAS – ISSN 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

Volume 25 | Número 1 | janeiro – abril de 2023

sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.

ENTREVISTA COM O PROFESSOR EMÉRITO CHRISTOPHE DEJOURS

DEJOURS, C. *et.al.*

CONFLUÊNCIAS – ISSN 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558 | Niterói/RJ

Volume 25 | Número 1 | janeiro – abril de 2023